

UMA REFLEXÃO DIALÉTICA SOBRE A EMPATIA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM FACE AOS LUTOS NÃO RECONHECIDOS

Jerusa Rabelo Dantas Nóbrega¹

Luciana Carla Barbosa de Oliveira²

RESUMO

Nos dias atuais, observam-se mudanças nas relações interpessoais, principalmente no que se refere à empatia. Nesse cenário, a tecnologia leva os indivíduos a se isolarem em mundos virtuais, num ritmo de vida superficial e imediatista. O sofrimento alheio, por sua vez, passa a ser desconsiderado, sobretudo, no que concerne aos lutos não reconhecidos provenientes das perdas significativas que ocorrem no cotidiano das comunidades. Tais lutos não são validados pelas normas estabelecidas pela sociedade por não se adequarem aos padrões de comportamento impostos para esses processos demonstrando, assim, a falta da empatia social. Para tal fim, realizou-se uma pesquisa por meio da consulta no *Google Acadêmico* e no *Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic)*, com objetivo de promover um diálogo sobre a importância da empatia nos movimentos relacionais atuais em face aos lutos não reconhecidos. Dessa forma, os resultados aqui expostos evidenciam que a não legitimidade do pesar após uma perda significativa para uma pessoa incide na sua qualidade de vida, discutindo-se também o valor do amparo empático da sociedade na elaboração do luto proscrito.

Palavras-chave: Empatia. Relações interpessoais. Lutos não reconhecidos.

A DIALECTIC REFLECTION ABOUT THE EMPATHY ON INTERPERSONAL RELATIONS IN FRONT OF THE DISENFRANCHISED GRIEFS

ABSTRACT

¹ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail: jrdn.sirius@hotmail.com

² Docente do Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN; Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Especialista em Psicologia da Saúde: Desenvolvimento e Especialização. E-mail: lcarlapsi@gmail.com

Currently, the lack of empathy on interpersonal relationships induces people to be more and more recluses in virtual worlds, living a frenetic and immediate rhythm of life, with no time to see the world around. The suffering of others becomes inconsiderate, especially on what concerns to disenfranchised grief. Such disenfranchised grief, on the other hand, would be related with the daily life of the contemporary societies, so been considered a not significant. For this purpose, a literary review on Google Scholar and Eletronics Journal Portal - Pepsic was done in order to promote a reflection about the lack of empathy in disenfranchised griefs. The exposed results confirm that the not significance of the sorrow after a loss influences on the quality of life. Also have been discussed the value of the society support on the grief elaboration.

key-words: Empathy, Social relations, Disenfranchised grief.

UNA REFLEXIÓN DIALÉTICA SOBRE EMPATÍA EN LAS RELACIONES INTERPERSONALES ANTE LOS LUTOS NO RECONOCIDOS

RESUMEN

En la actualidad actuales, se observan cambios en las relaciones interpersonales, principalmente en lo que se refiere a la empatía. En este escenario, la tecnología lleva a los individuos a aislarse en mundos virtuales, a un ritmo de vida superficial e inmediatista. El sufrimiento ajeno, a su vez, pasa a ser desconsiderado, sobre todo, en lo que concierne a los lutos no reconocidos provenientes de las pérdidas significativas que ocurren en el cotidiano de las comunidades. Esos lutos no son validados por las normas establecidas por la sociedad por no adecuarse a los patrones de comportamiento impuestos para esos procesos, demostrando así la falta de la empatía social. A tal fin, se realizó una búsqueda a través de la consulta en Google Académico y en el Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia - Pepsic, con el objetivo de promover un diálogo sobre la importancia de la empatía en los movimientos relacionales actuales frente a los lutos no reconocidos. De esta forma, los resultados aquí expuestos evidencian que la no legitimidad del pesar después de una pérdida significativa para una persona incide en su calidad de vida, discutiendo

también el valor del amparo empático de la sociedad en la elaboración del luto proscrito.

Palabras clave: Empatía, Relaciones interpersonales, Lutos no reconocidos.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, observam-se mudanças nas relações interpessoais modernas no que se referem à qualidade da formação de vínculos afetivos entre as pessoas. Na busca do ser humano em alcançar a autoafirmação e a liberdade de ação, nota-se que os comportamentos excessivamente individualistas apresentados nestas interações suscitam o estranhamento ao outro e fazem declinar a predisposição à empatia nas relações intersubjetivas. Nesse cenário, a globalização se apresenta como um dos veículos condutores dessas transformações afetando a estrutura das relações supracitadas ao promover um mundo virtual potencialmente “perfeito” cuja felicidade e tristeza se configuram como ilusões a serem manipuladas pelos indivíduos que integram essas interações.

Por sua vez, a acentuação do individualismo despertada pelas novas tecnologias (exemplificadas pelas redes sociais na Internet) estimula o sujeito a se enclausurar numa perspectiva utópica acerca das relações interpessoais e criar um campo de expectativas psicoemocional controlável o qual possa excluir, de forma rápida e não dolorosa, o contato direto com o próximo. Nesse contexto, reflete-se a impermanência dos vínculos entre os indivíduos, apresentando a fragilização afetiva nessas relações e o declínio gradativo da percepção empática às necessidades alheias. Assim, a empatia se configura como um constructo ético e moral em decadência no âmbito relacional humano dos dias atuais, sobretudo no que concerne aos processos de lutos não reconhecidos e que serão contextualizados no desenvolvimento desta pesquisa.

Diante do exposto, o presente artigo propõe-se aos objetivos de suscitar uma reflexão sobre a empatia; compreender esse constructo nas dinâmicas das relações interpessoais modernas; e retratar a significação da falta da empatia revelada na análise sobre os lutos não validados socialmente. No intuito de se discutir tais propósitos, realizou-se uma pesquisa através da revisão de literatura ao abordar obras científicas sobre a condição da empatia nas relações interpessoais

modernas em detrimento à legalização do enlutamento pelas Leis sociais. Nesse primeiro instante, inicia-se a explanação sobre a empatia para uma melhor compreensão acerca dos temas em sucessão.

1.1 CONCEITUAÇÕES DA EMPATIA

A palavra "Empatia" tem origem relacionada ao termo grego *empathia* cujo sentido próximo ao português corresponde a “paixão” ou “ser afetado”. Peretti e Nogoseke (2009) definem o termo empatia enquanto forma de se relacionar com o Outro ao compreender subjetivamente a vida alheia sem incorporá-la em si mesmo. Similarmente, consiste no sujeito reconhecer a sua alteridade e as características que lhe sejam peculiares na coexistência com outros indivíduos de singularidades próprias, num entendimento mútuo apesar das identidades serem distintas. Esse encontro, porém, possui como limite estabelecido a subjetividade do sujeito, sendo este responsável pelas suas próprias escolhas, conforme Ales Belo (2007) citado por Peretti e Nogoseke (2009, p. 127):

[...] Nunca se poderá viver o seu ato, por que “originalmente” é vivido por ele, ou por ela como ação cuja qualidade, isto é, intensidade duração ou coloração é sempre pessoal. Isso não quer disser que não se estabeleçam relações de compreensão recíproca entre os seres humanos, porém o que vive interiormente é sempre ligado à própria singularidade.

Nilton Formiga (2012), por sua vez, realiza uma pesquisa sobre o tema inferido perpassando-o pelas várias áreas de estudo do comportamento humano e sua importância nestas. Através dos pensamentos de diversos autores há a elaboração de reflexões a respeito desse aspecto moral na constituição do sujeito, quer seja subjetivamente e/ou socialmente na construção de seus valores individuais e/ou coletivos, quer seja na sua relação com os demais societários.

Ademais, Nilton Formiga (2012) afirma que para se referenciar esse constructo faz-se necessário compreender a contradição entre os movimentos relacionais atuais e a empatia. A hipertrofia do individualismo e a valorização da lucratividade nas relações interpessoais (temas que serão aprofundados mais adiante) incitam o indivíduo a ter, como principal preocupação diária, a resolução de seus problemas em detrimento da subsistência do bem-estar coletivo.

Independente das concepções teóricas e áreas em o construto empatia vêm sendo aplicado algo importante pode ser destacado: a preocupação e inclusão com o outro em seu sofrimento psíquico e social. [...] Afinal o construto da empatia no ser humano é condição, sine quo non, do processo de aprendizagem, desenvolvimento e a experiência social permitindo uso mais efetivo das capacidades comunicativas e afetivas na dinâmica interpessoal (NILTON FORMIGA, 2012, p.09)

Nesse entendimento, ser empático com o próximo denota uma exposição individual intensa e recíproca de ambas as partes por exigir estrutura e/ou disponibilidade emocional para ser prestativo às adversidades que as outras pessoas enfrentam. Assim, a empatia torna-se um sentimento interior de difícil expressão para o ser humano e revela o seu enfraquecimento nas relações interpessoais contemporâneas, como será observado a seguir.

1.2 A EMPATIA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Ao analisar as relações interpessoais modernas, Leite et al. (2016) destacam os novos tipos de relações interpessoais que estão emergindo nas sociedades atuais, configuradas pelo surgimento da globalização e pelo desenvolvimento das novas tecnologias. Tais avanços trouxeram muitos dados positivos no que se referem às mudanças nas coletividades, como a facilidade de comunicação entre indivíduos de várias partes do mundo, mas também pontos negativos, como a superficialidade nos vínculos afetivos entre as pessoas. Segundo os autores supracitados, a tecnologia é um recurso alternativo empregado pelo indivíduo para evitar interações reais como pode ser observado nos laços de afetividade sugeridos pelas interações virtuais ilustradas pelas redes sociais. Nesse campo citado, verifica-se a existência de vínculos frágeis caracterizados pela impessoalidade e “liquidez” emocional.

Já Bittencourt (2009), embasado nas obras de Erich Fromm³ e Zygmunt Bauman⁴, pondera sobre as mudanças nos relacionamentos ao apresentar as novas tecnologias como vetores de transformação qualitativa dos valores morais da coletividade. Segundo o autor, na teoria de Fromm, a existência humana na contemporaneidade persiste numa dimensão ambivalente entre as categorias de “Ser” e de “Ter” no que se refere à intenção da valoração afetiva:

³ Erich Fromm (1900-1980): Psicanalista, sociólogo e filósofo alemão.

⁴ Zygmunt Bauman (1927-2017): sociólogo, filósofo, professor e escritor polonês.

Podemos compreender pela disposição “Ser” uma abertura qualitativa em relação ao real, numa abertura pessoal em favor da compreensão da diferença e singularidade de cada pessoa [...] A disposição “Ter”, por sua vez, representa a avidez humana pela posse material, o desejo de usufruir o máximo uma dada coisa, para então se trocá-la por outra mais atrativa [...] (BITTENCOURT, 2009, p. 63).

Por conseguinte, Bauman considera o fenômeno da “liquidez” manifestada pelas relações humanas, nas quais o indivíduo perde gradualmente a sua singularidade e se transforma num produto a ser explorado e descartado pelo outro, sendo “facilmente repostado por modelos similares” (BITTENCOURT, 2009, p. 65). Para este teórico, as afetividades interpessoais se organizam sem investimento emocional profundo no que se refere ao amor concreto no plano real, o que conduz o sujeito a optar pela busca de relacionamentos afetivos na dimensão virtual. Além disso, para Bauman e Donskis (2014) a superficialidade observada nas amizades estabelecidas nas redes sociais é expressiva, uma vez que as mensagens trocadas entre os usuários se configuram pelo intercâmbio de interesses mercadológicos no qual os objetos de consumo adquiridos satisfazem os desejos pessoais de cada um.

Como consumidores, não juramos lealdade permanente à mercadoria que procuramos e adquirimos para satisfazer nossas necessidades ou desejos; e continuamos a usar esses serviços enquanto eles atenderem às nossas expectativas [...] até que deparemos com outra mercadoria que prometa satisfazer os mesmos desejos mais plenamente que a anterior (BAUMAN; DONSKINS 2014, p. 23)

Nesse ínterim, os referidos autores contextualizam a insensibilidade afetiva como o mal contemporâneo que se origina das relações interpessoais e se caracteriza pela indiferença com a dor alheia e na falta empática com a alteridade do Outro ao empregar uma visão antiética acerca deste. O mal, nesse caso, não é representado na conotação arquetípica de um ser fantástico proveniente de uma simbolização internalizada pela construção cultural do desenvolvimento humano, mas assume forma adaptável a todas as coisas conhecidas pelo Homem, isto é, "O mal é débil e amplamente disperso. A triste verdade é que ele está a espreita de cada ser humano normal e saudável" (BAUMANN; DONSKIS, 2014, p. 17).

Neste contexto, a influência das redes sociais fomenta um processo de alienação/coisificação do sujeito em detrimento de sua singularidade, através da

propagação *on-line*⁵ de realidades ilusórias que não correspondem, muitas vezes, as dinâmicas sociais da dimensão do real. Por sua vez, o indivíduo se enclausura no mundo virtual cuja percepção de segurança e distanciamento do real possibilita a fuga da tentativa de vincular-se com o outro concreto, prevenindo um movimento relacional imprevisível e/ou doloroso. Assim, o ato empático se enfraquece gradativamente entre as pessoas, contribuindo para o não reconhecimento das perdas expressivas que ocorrem no dia-a-dia do sujeito e das expressões diversas de seus lutos.

1.3 OS LUTOS NÃO RECONHECIDOS E A FALTA DA EMPATIA

Inicialmente, ao adentrar no campo dos lutos não reconhecidos faz-se necessário contextualizar as perdas significativas para o indivíduo na sua vivência em meio social. À priori, Casellato (2015) observa a existência de perdas expressivas na vida do ser humano e que, dependendo da intensidade, são capazes de originar um processo de pesar. Dessa forma, essas perdas podem ser identificadas como concretas como a morte real de uma pessoa, seja de forma natural, por doença ou pelo suicídio, e suas consequências na vida do sujeito; ou simbólicas, como as ilustradas pelo divórcio e as mudanças de estilo de vida decorrentes de alterações no *status* social.

Com relação às perdas concretas, assumem destaque neste artigo as que compreendem o evento da morte e a sua significação para o homem moderno ocidental. Com os avanços da medicina e da tecnologia, o ser humano cada vez mais se atemoriza com a possibilidade da finitude, reconhecendo-a como um fracasso perante a vida. Como afirma Tavares (2014, p. 5), “A morte é uma possibilidade geral, uma vez que atinge todos os seres vivos. É intransferível, irreversível, e incerta quanto ao momento do seu advento”. Fala-se, neste caso, da perda real, ou seja, quando acontece o falecimento de uma pessoa resultante de uma doença, um acidente ou outro acontecimento fatídico.

A morte, para Angerami (2007), se configura como um dos temas do existencialismo e faz referência às ideias desenvolvidas por Sartre ao considerar a finitude da vida como fator determinante para o término dos planos traçados pela

⁵ *On-line* = virtual

existência do homem; e aos pensamentos de Heidegger ao propor ser a morte uma das etapas comum da vida humana. Nesse contexto, *Daisen* é a expressão usada por Heidegger para classificar o *Ser – aí* quanto à condição humana, ou seja, o ser humano por essência. Esse *Ser-aí*, mais cedo ou mais tarde, terá que confrontar a perspectiva do fim ao se deparar com o encerramento da vida de outro *Ser-aí*. Dessa forma, após a manifestação deste fenômeno (a percepção da morte pela observação do fim da vida de outro *Ser-aí*) o *Daisen* transforma-se em “*não-mais-Dasein*” (ANGERAMI, 2007, p.31). Aiub (2014), por sua vez, que o temor que o indivíduo possui ante a expectativa da morte é demonstrada em seu desejo pela vida, porém, uma não pode existir sem a outra e querer só um desses aspectos seria algo ilusório, como diz a autora:

Apesar da morte ser inevitável, apesar de ser parte da vida, os espaços para se refletir sobre suas múltiplas faces e suas implicações são muito restritos em nossa sociedade. O tempo para se viver o luto, para compreender as movimentações geradas pela morte, seja ela de uma pessoa querida, seja ela de um projeto, de um modo de viver, não nos é dado na maioria dos contextos da vida cotidiana (AIUB, 2014, p. 64).

No que concerne às perdas simbólicas, essas estão expressas em nosso cotidiano através da veloz veiculação de informações viabilizadas pelo âmbito midiático virtual, sendo exemplificada pelas situações de divórcio, a morte de um animal de estimação, entre outras. No que concerne aos meios de comunicação, a divulgação de informação sobre algum incidente de qualquer natureza costuma ser relatada de maneira trivial e sem o devido respeito às vidas humanas envolvidas nesses fatos. Segundo Cogo et al. (2015), nos tempos atuais, as tragédias naturais ou aquelas provocadas pela tecnologia atingem as populações humanas de diferentes maneiras.

Casellato (2015) exemplifica, por seu turno, a existência de casos em que a exploração das mídias sobre as notícias trágicas nas entrevistas realizadas pelos jornalistas rompe o limite da ética em relação às pessoas envolvidas na situação infortuna. Nesse cenário, tal situação pode ter como consequência a intensificação da dor emocional das vítimas inquiridas e demais envolvidos, bem como incomodar a quem assiste ao enredo noticiado, por resultar na impressão de vivenciar a situação relatada numa função de “cúmplices (ou vítimas) de uma violência”. (CASELLATO, 2015, p. 18). Dessa forma, se enfatiza a possibilidade de não ser

reconhecida a existência desses eventos pela sociedade ou pelo indivíduo vitimado, atribuindo um valor menor do que a situação realmente merece enquanto perda simbólica significativa.

Em seguida, a referida autora cita que o não reconhecimento do luto costuma ocorrer por motivos diversos, dentre os quais: a autocrítica que o enlutado faz a si mesmo durante o processo de negação do fato ocorrido com intuito de não se deparar com o sofrimento gerado; pela eclosão de sentimentos ambíguos diante da ação vivenciada (alívio/medo); ou mesmo pelas regras e normas socialmente construídas. Casellato (2015) exemplifica essa realidade supracitada com a cena na qual uma mulher divorciada, ao perder o seu filho num acidente, critica o ex-marido por este não ter comparecido ao funeral do filho, o que seria um comportamento esperado pela ex-mulher e pela sociedade. Nessa compreensão, nota-se que determinadas expressões de sofrimento do enlutado podem ser consideradas inadequadas à conduta estabelecida pelas Leis vigentes sobre “quando, por quem, onde e como se enlutar” (CASELLATO, 2015, p. 16). Ademais, esse indivíduo pode desenvolver um sentimento de vergonha devido ao comportamento expresso e, por consequência, negar sua expressão de individualidade frente à situação de pesar e ser relegado ao isolamento social por presumir não haver possibilidade de encontrar o apoio devido nas coletividades em que esteja inserido.

Há três direções das quais tememos que o sofrimento advenha: do poder superior da natureza, da fragilidade dos nossos corpos e dos outros seres humanos. Dado que acreditamos mais na possibilidade de reformar e aperfeiçoar as relações humanas que em subjugar a natureza e pôr fim à fraqueza do corpo humano, temos medo da inadequação das regras que ajustam as relações mútuas dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 119).

Por conseguinte, Parkes (1998) aponta como vítimas silenciosas da segregação socialmente imposta: os profissionais de saúde; o indivíduo que perde o animal de estimação pela morte concreta; entre outros. Além disso, Casellato (2015) percebe a negligência da sociedade em resposta ao processo de luto ao assinalar a omissão da assistência necessária para atendimento às demandas psicossociais dos enlutados quanto à criação de redes de apoio adequadas que possam auxiliar esse indivíduo na ressignificação do seu pesar.

No que se refere à vergonha, Cyrulnik (2012) a contempla como o sentimento doloroso oriundo de um evento traumático para o indivíduo, cujo “peso” é

mensurado pelo olhar do outro sobre este. A situação traumática, por seu turno, tem como efeito observado o silenciar da expressão de uma voz que, apesar de inibida externamente, persiste em lhe fala internamente sobre o fato inibido. Assim, a vergonha se instala no sujeito através da interpretação pessoal acerca da situação estressora vivenciada e da carga afetiva atribuída a esta. Segundo o autor, “Esse veneno da alma é difícil de compartilhar, porque 'confessar' a causa da vergonha é entregar-se ao outro, é voltar a se colocar sob o seu poder de nos julgar” (CYRULNIK, 2012, p. 14).

Dessa maneira, muitos enlutados se valem de mecanismos de defesa, dentre eles a racionalização do evento ocorrido, no intuito de se preservarem da dor emocional, a qual pode encontrar outras vias de expressão na eclosão de sintomas diversos no corpo físico do enlutado (CASELLATO, 2015). Parkes (1998) atesta, por sua vez, que a não manifestação do sofrimento emocional pode desencadear complicações de várias ordens no enlutado como a depressão, transtornos de ansiedade, ideação suicida, entre outros. Do mesmo modo, Nucci (2014) esclarece que a repressão intensa do luto pode gerar consequências conflituosas como sentimentos de culpa, raiva e a exclusão de rituais que trabalhem a ausência simbólica da exteriorização da perda e previnam o adoecimento do indivíduo. A seguir, para um melhor entendimento acerca do conteúdo supracitado e na compreensão da empatia nas relações interpessoais, contextualiza-se o luto dos profissionais de saúde.

1.3.1 Luto dos profissionais de saúde

A princípio, Alexandre (2012) aborda o tema da morte no âmbito hospitalar apresentando que o significado desta passou por transformações consideráveis no decorrer da história do desenvolvimento das sociedades: o que antes era visto como um processo natural da vida transformou-se em algo a ser combatido, tornando-se responsabilidade dos profissionais de saúde o prolongamento da existência humana. Sendo os hospitais referendados não só como locais de cura, mas também de morte, é comum que tais profissionais se deparem com ambas as situações no seu cotidiano (ALEXANDRE, 2012). A proximidade com a finitude da vida evidenciada pelo profissional de saúde fica mais evidente em algumas áreas de especialização médica, exemplificadas pela oncológica e pela hematológica.

Continuando o pensamento acima, a referida autora cita que o preparo acadêmico adquirido por especialistas é voltado especialmente para combater a morte, ainda que essa seja um fato irremediável. Dessa maneira, os referidos profissionais costumam demonstrar dificuldades em aceitar o seu sofrimento diante do óbito de um paciente e enfrentar receptivamente o sofrimento da família enlutada pela perda do ente querido. Por conseguinte, a repressão de seus sentimentos pode dirigir o profissional da saúde ao adoecimento psíquico/emocional, ilustrado pela síndrome de *Burnout*⁶. Como confirma Alexandre (2012, p. 14):

A nível profissional, o pouco treino que recebem na sua formação para comunicar más notícias e lidar com as reacções emocionais dos doentes pode conduzir a stress emocional acrescido. Também a falta de suporte ou tensões no local de trabalho e o excesso de responsabilidades profissionais agravam o problema. A nível pessoal, destacam-se os problemas nos relacionamentos e a falta de tempo para si: profissionais que se sentem incapazes de ser bons maridos/mulheres/pais devido às exigências laborais sofrem elevado risco de burnout.

Em continuidade, Esslinger (2014) observa a importância do profissional de saúde, principalmente aqueles que trabalham nos hospitais, em reconhecer a possibilidade da formação de vínculos afetivos com os seus pacientes e familiares destes, na sua práxis. Essa compreensão permite ao referido profissional, dependendo da intensidade dos afetos envolvidos, enlutar-se diante da morte do doente sob seus cuidados. Dessa forma, a expressão das emoções do profissional enlutado pode ser compreendida tanto por ele como pela equipe hospitalar como uma “[...] inadequação do profissional para o exercício de suas funções” (ESSLINGER, 2014, p.240). Nesse caso, a repressão do pesar pode se configurar como um luto não autorizado, tornando-se um luto complicado se não for elaborado de forma devida pelo indivíduo enlutado.

Os principais tipos de complicações para o luto são o *luto crônico* e o *luto inibido*. Na primeira, há uma inabilidade (ao longo de vários anos, geralmente) para se aceitar a perda, a desesperança crônica é um sintoma marcante e a história de vida do enlutado revelará que havia altíssimo grau de dependência emocional para com o ser perdido. Na segunda, a necessária expressividade emocional não se inicia e o indivíduo não avança em uma direção a uma ativa elaboração de seu luto. Em ambas, o resultado é que o indivíduo deixa de reconstruir sua visão de mundo com a ausência do ser amado, não consegue investir sua capacidade de amar em outras pessoas e fica, em diversos graus, paralisado para a vida produtiva no sentido ocupacional e/ou relacional (SOLANO, 2014, p. 113).

⁶ Síndrome de *Burnout* – síndrome do esgotamento profissional.

Para Bousso (2015) não existe a legitimação social do luto dos profissionais que atuam, sobretudo, nas instituições hospitalares. Além de não se reconhecerem como enlutados após o falecimento de seu paciente, esses profissionais se veem intimidados diante das limitações impostas pela equipe hospitalar e pelas exigências sociais durante o exercício de suas funções. Tal conduta assumida pelos profissionais frente à perda concreta dificulta o seu “agir” perante a família do paciente falecido, que se encontra envolvida no seu próprio processo de luto.

Diante deste cenário, reflete-se que a não legitimação do pesar é um fator de interferência na qualidade de vida do sujeito e que o não reconhecimento do luto compreendido como incomum pelo agrupamento social denota o que Casellato (2015) expõe como o fracasso empático nas relações interpessoais. Essas observações, por fim, nos conduzem ao entendimento sobre o direito da pessoa enlutada em manifestar o seu sofrimento de forma a autenticar sua subjetividade e respeitar o sentido que a mesma construiu diante da perda expressiva.

2 METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão bibliográfica tendo como aporte literário livros científicos e periódicos especializados em bases de dados do *Google Acadêmico* - a qualquer momento, e do *Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic)*, no idioma português. Além das fontes pesquisadas, incluem-se na aplicação do método os devidos critérios de inclusão e exclusão às análises dos materiais coletados e as considerações sobre os resultados alcançados. Inicialmente, com relação aos critérios de inclusão, organizou-se o levantamento de dados em livros específicos às temáticas em questão e publicado em anos diversos, a partir de 1998. As obras selecionadas foram instituídas conforme os títulos e autores em referência às palavras-chaves observadas: Empatia; Relações interpessoais; Lutos não reconhecidos. No que concerne aos periódicos investigados totalizam em cinco artigos, buscou-se aqueles que contemplassem os descritores escolhidos, sendo eleitos os artigos mais relevantes. Por fim, como critérios de exclusão, não foram utilizados periódicos que figurassem resumos, teses, dissertações e monografias que não correspondessem ao tema proposto, excluindo também obras não científicas.

3 RESULTADOS/DISCUSSÕES

Os resultados encontrados no presente artigo mostram que a empatia está se tornando um sentimento raro nas relações interpessoais modernas. Percebe-se, a cada dia, a tendência das pessoas ao intenso individualismo, a sucessiva desconsideração da existência do outro e do direito deste em manifestar a sua subjetividade, em contradição à empatia contextualizada por Peretti e Nogoseke (2009). Por sua vez, verifica-se nas relações intersubjetivas um movimento contrário às demandas adaptativas do individualismo: a liquidez das relações interpessoais toma corpo frente ao empoderamento da dimensão virtual na vida das pessoas.

Nesse ínterim, as facilidades de acesso às redes sociais estimulam a construção de uma coletividade de indivíduos solitários, mesmo acompanhados diariamente por diversas pessoas em suas mídias sociais. Podem-se citar, como exemplo, os comportamentos das pessoas nos restaurantes que, ao se sentarem à mesa, elegem o celular como companheiro principal de conversa com outras pessoas, desprezando a presença real do próximo que compartilha do mesmo ambiente. Dessa forma, o que poderia se configurar num momento de troca de experiências e enriquecimento afetivo, se transforma num encontro trivial de duas pessoas solitárias sentadas lado a lado. Após a ilustração proposta, confere-se ao momento descrito como uma representação atual do que se compreende como os fenômenos da superficialidade das relações afetivas e do individualismo do Homem moderno.

Nessa perspectiva, o individualismo pode ser configurado como uma reação de sobrevivência psíquica adaptativa frente a momentos de crise de sobrevivência e valores morais enfraquecidos. Porém, a sua hipertrofia gera, por consequência, a falta da empatia nas relações interpessoais e influencia o ser humano a esconder seu desejo natural de convívio com outros indivíduos para preservar sua subjetividade e seus valores morais frente às situações de crise ética que a sociedade esteja passando. Essas crises éticas, por sua vez, podem ser exemplificadas por mudanças bruscas de governos políticos; descrença nos valores religiosos e culturais internalizados; obstáculos emergentes em conflitos bélicos; entre outros.

Em continuidade, observa-se também o jogo de interesses existentes nas relações intersubjetivas nas quais o ser humano é transfigurado em algo a ser consumido e depois de exaurido de todos os seus recursos, descartado (BITTENCOURT, 2009; FORMIGA, 2012; BAUMAN; DONSKINS, 2014). É notório afirmar que esta é uma das realidades existentes nas sociedades atuais, oriundas do sistema capitalista que possui, no seu cerne, a ideologia do consumo estimulado pela tecnologia. Juntamente à perspectiva do individualismo, a noção de que as exigências mercadológicas do capitalismo representam pressão ambiental contínua sugere que o comportamento individualista às novas tecnologias é uma necessidade adaptativa que une o desejo de preservação da subjetividade aos desígnios de uma sociedade que preza pelo consumo de bens tecnológicos.

Assim, tomando como referencia ao conteúdo supradito e a não empatia nas interações intersubjetivas, percebe-se, assim como Casellato (2015); Cogo et al. (2015), que eventos críticos ocorridos no cotidiano das sociedades podem gerar traumas significativos os quais podem originar lutos não reconhecidos, visto que a condição egocentrada apresentada nas relações líquidas não permite a identificação com o próximo de maneira basilar, o que impossibilita, por conseguinte, a validação do processo de pesar numa situação de perda significativa, seja ela simbólica ou concreta, referendada por Angerami (2007); Aiub (2014), Tavares (2014). Dessa maneira, a inibição do processo do luto pode desencadear adoecimentos crônicos como a depressão ou direcionar o indivíduo ao suicídio, se não for cuidado com devida atenção e empatia.

Com relação ao luto, de maneira geral, o compartilhamento desse sofrimento é uma tarefa emocionalmente difícil, pois requerem do indivíduo a capacidade de resiliência e elaboração dinâmica do seu sentimento de perda. Acrescentado a isso, a não legitimação do pesar pela sociedade atua negativamente na tentativa psíquica de homeostase, visto que o sujeito prefere guardar sua dor internamente e sem expressá-la em palavras ou atos para que não seja repreendido em sua manifestação subjetiva. O silêncio ao qual se impõe contempla a dúvida do que seria suportável para o outro ouvir e as possíveis reações deste, levando o indivíduo enlutado a envergonhar-se do próprio sentimento frente à situação de perda, como atesta Cyrulnik (2012). Dessa forma, retrata-se a importância do olhar empático sobre o processo de luto do indivíduo e da validação da sua dor emocional após

uma perda importante em sua vida, como enfatizam Parkes (1998), Nucci (2014), Casellato (2015).

Com relação ao exemplo citado (o luto dos profissionais de saúde), alguns autores observam que há um sofrimento silencioso que ruma internamente nesses especialistas por não se reconhecerem em seu enlutamento após atestarem o óbito de um paciente (ALEXANDRE, 2012; ESSLINGER, 2014; SOLANO, 2014; BOUSSO, 2015). A constatação dessa censura interna pode suscitar no profissional de saúde sentimentos de várias ordens, como a frustração e a impotência por não ter conseguido “vencer” a morte (ALEXANDRE, 2012). Outro fator averiguado foi que a falta de comunicação acerca das experiências dos integrantes de uma equipe hospitalar é um aspecto reforçador para a persistência do embotamento das emoções nas relações interpessoais existentes no ambiente inquirido.

Em continuidade, esses profissionais procuram não se envolver emocionalmente com os seus pacientes, adotando como prática clínica a identificação do doente pelo número do leito do hospital ou do prontuário médico e não pelo nome do mesmo. Entretanto, é aconselhável a esses profissionais não omitirem suas qualidades enquanto pessoas, para corresponderem às expectativas gerais sobre sua persona profissional. Por mais valorizado que seja um título acadêmico, nada subestima a capacidade humana de estar à mercê dos afetos e da influência das relações interpessoais.

Nesse contexto, ao se falar sobre as restrições estabelecidas pela sociedade com relação aos comportamentos humanos e, principalmente, aos lutos inibidos, constata-se a eleição de formas específicas de conduta dentro dos parâmetros de normalidade concebida pelas Leis sociais. Logo, diante de um acontecimento comum a todos (exemplificado pela morte de um familiar, um desastre natural, assim por diante), as reações dos indivíduos devem corresponder aos padrões estabelecidos pelas expectativas das comunidades. Entretanto, vale salientar que a percepção é um processo psicológico individual que considera a subjetividade como função auxiliar de organização das informações captadas do mundo externo.

Nessa fase, a resignificação do pesar irá requerer do indivíduo enlutado um esforço pessoal na construção de um novo sentido em sua vida e na busca de se recuperar as potencialidades perdidas. Por sua vez, o movimento empático oferece contribuições no que se refere à compreensão do sofrimento e da importância de se promover um apoio psicossocial que ampare o enlutado na sua jornada de

elaboração da sua nova realidade. Além disso, é fundamental para a sociedade, de maneira geral, a valorização de psicoterapias que estabeleçam cuidados ao indivíduo enlutado; a criação de programas de assistência com profissionais especializados na temática em estudo; a formação de grupos de apoio às famílias enlutadas; e resgatar no seio social o olhar de compaixão para o sofrimento do próximo, independente de sua expressão concordar ou não com as perspectivas abordadas pela sociedade na legalização do pesar.

Assim, observa-se a urgência em se trabalhar a questão da empatia nas relações interpessoais com intuito de resgatar a sensibilização que ainda resta no seio da sociedade. Em face aos eventos imprevisíveis do cotidiano, a empatia se contempla como um sentimento que inspira o amparo e a solicitude ao outro por motivar o acolhimento do próximo, sem eleger critérios para julgamento com base, unicamente, nas normas sociais. Portanto, o desafio atual consiste em atualizar, de forma responsável, os modelos de relações interpessoais baseados em vinculações com pessoas reais e concretas que estimulem a empatia para validação dos lutos não reconhecidos no meio social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão bibliográfica realizada e na busca do cumprimento dos objetivos expostos nesta pesquisa, conclui-se que o ser humano sofre perdas significativas no cotidiano social, tornando-se sujeito a um processo de luto não reconhecido nem por ele e nem pelas normas impostas pela sociedade. A partir desse fato, observa-se o “silêncio” social em torno do processo de luto analisado, havendo a internalização e ruminação do pesar ao invés de sua aceitação e manifestação saudável.

Nesse interim, analisou-se a importância da empatia como fator preponderante entre o individualismo e a censura social à dor subjetiva e entre o acolhimento e amparo para autorização do pesar. Todavia, constatou-se o fracasso empático como fator de interferência na estruturação das relações interpessoais contemporâneas, sendo esse um resultado da hipertrofia do individualismo e promovendo, juntamente ao contexto econômico do capitalismo, a coisificação do ser humano em objeto de consumo.

Portanto, faz-se necessário a realização de mais pesquisas referentes ao tema proposto neste artigo, suscitando discussões nos campos acadêmicos quanto à temática da empatia nas relações interpessoais e sua significação no reconhecimento dos processos de lutos que ocorrem no dia-a-dia das sociedades.

REFERÊNCIAS

AIUB, Mônica. Luto e filosofia clínica. In: SANTOS, Franklin Santana dos (Org.). **Tratado brasileiro sobre as perdas e lutos**. São Paulo: Atheneu, 2014.

ALEXANDRE, Maria Teresa. O luto nos hospitais entre os profissionais de saúde. **Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna**. v. 19, n. 2, abr - jun 2012. Disponível em: <<https://repositorio.chlc.min-saude.pt/bitstream/10400.17/758/1/RPSMI%202012%20112.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Psicoterapia existencial**. 4. ed. São Paulo: Thompson Learning Brasil, 2007.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A fragilidade das relações humanas na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 100, p. 62-69, set. 2009. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7606/4568>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

BOUSSO, Regina Szyliet. A morte e o luto: a sensibilidade de uma enfermeira. In: CASELLATO, Gabriela (Org.). **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015.

CASELLATO, Gabriela. Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In: CASELLATO, Gabriela (Org.). **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015.

COGO, Adriana S. et al. A psicologia diante de emergências e desastres. In: FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). **A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática**. São Paulo: Summus, 2015.

CYRULNIK, Boris. **Dizer é morrer: a vergonha**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

ESSLINGER, Ingrid. O luto do cuidador profissional. In: SANTOS, Franklin Santana dos (Org.). **Tratado brasileiro sobre as perdas e lutos**. São Paulo: Atheneu, 2014.

FORMIGA, Nilton Soares. Os estudos sobre empatia: reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. **Psicologia.pt**. 2012. Disponível em: <www.psicologia.pt/artigos/textos/A0639.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

LEITE, E. L. et al. A superficialidade das relações na contemporaneidade. In: CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 5, 2016, Montes Claros. **Anais...** Montes Claros, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/index.php/ojs/article/view/155>. Acesso em: 27 mar. 2017.

NUCCI, Nely A. G. Luto não autorizado: uma dor silenciosa, um sofrimento sufocado. In: SANTOS, Franklin Santana dos (Org.). **Tratado brasileiro sobre as perdas e lutos**. São Paulo: Atheneu, 2014.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

PERETTI, Clélia; NOGOSEKE, Elisabete. Vínculos afetivos e relações familiares sob o prisma da empatia. In: CONGRESSO DE TEOLOGIA DA PUCPR, 9, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009/> . Acesso em: 10 abr 2017.

SOLANO, João Paulo C. Luto complicado (ou traumático, ou patológico). In: SANTOS, Franklin Santana dos (Org.). **Tratado brasileiro sobre as perdas e lutos**. São Paulo: Atheneu, 2014.

TAVARES, Gláucia Rezende. **Do luto à luta**. Belo Horizonte: Folium, 2014.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por mais uma vitória e por encontrar nas minhas orações a Ele um refrigério para os momentos de cansaço profundo e desânimo.

Agradeço ao meu esposo Everaldo pela sua compreensão amorosa e companheirismo em muitos momentos difíceis na elaboração desse trabalho e pelo apoio dado desde o início da minha trajetória acadêmica.

Sou grata pela assistência, pelo amor e carinho da minha filha Beatriz que, na reta final de confecção e reestruturação do artigo, foi uma parceira espetacular nos momentos de maiores dificuldades.

Aos meus familiares, sempre presentes com as suas palavras carinhosas de incentivo e por acreditarem na minha capacidade de enfrentamento diante de um trabalho complexo.

À Prof^a Dr^a Luciana Carla Barbosa de Oliveira pelas suas orientações, pela disponibilidade de atendimento sempre presente e por acreditar no meu potencial em defender um tema tão complexo.

À Prof^a Alessandra Oliveira, pela gentileza e profissionalismo à frente da coordenação do TCC II.

Agradeço ao carinho dos demais professores e amigos que contribuíram para a concretização deste trabalho.

Natal/RN, artigo científico depositado em 28 de novembro de 2017.

